

## AS ENTREVISTAS ABERTAS: UMA TÉCNICA PARA VERIFICAR VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA ENTRE OS INTERLOCUTORES

Waldemar FERREIRA NETTO\*

---

*RESUMO:* Numa conversação qualquer, se a intercompreensão entre emissor e receptor torna-se duvidosa, verifica-se a tentativa de restabelecerem-na a partir de metalinguagens que encontrem um termo comum entre eles. A análise desses momentos de uma conversação torna possível verificar a variação lingüística entre os interlocutores, por eles próprios destacada, de maneira mais segura e objetiva. Assim, o propósito deste trabalho é caracterizar esses momentos de perda da situação de comunicação e suas tentativas de restabelecimento, sobre um corpus colhido em pesquisa de campo realizada pelo próprio autor.

*UNITERMOS:* Variação lingüística; comunicação, ruído; conversação; sociolingüística; feedback.

---

A partir da década de cinquenta, quando os lingüistas tomaram consciência da necessidade de formalizar as variações lingüísticas decorrentes da variação social dos falantes, usuários da língua, desenvolveram-se duas correntes teóricas que procuraram criar modelos para a análise e explicação dessas variações. De um lado, Coseriu, com sua noção de Norma, encontrava um meio-termo social na dicotomia saussureana, tornando-a tripartida em Sistema (*langue*) – Norma – Fala (*parole*). De outro, Bright, Fishman, Bernstein e outros procuraram adaptar algumas noções da dialetologia às suas necessidades mais prementes, sobretudo na área da Educação; segundo eles, fala-se em “dialetos sociais”, “dialeto urbano”: variações lingüísticas intra-sociais, verticalmente consideradas a partir do estudo comparativo da língua usada por grupos sociais diferentes, dentro de uma mesma sociedade; em oposição às variações intersociais, horizontalmente consideradas a partir do estudo comparativo de uma mesma língua usada em regiões diferentes.

Ao afirmar que “*colocándonos en el campo del fenómeno lingüístico considerado*”

---

\* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800 – Assis – SP.

*independientemente del sujeto (producto lingüístico + forma lingüística), descubriremos que hay elementos que no son únicos u ocasionales, sino sociales, es decir, normales y repetidos en el hablar de una comunidad...*” (5, p.55), Coseriu reconhece a presença de elementos lingüísticos comuns a uma comunidade, cuja frequência de uso pode ser uma característica dessa comunidade. Assim, embora falando a mesma língua, os membros de uma comunidade lingüística podem ser caracterizados pela frequência de uso de determinados elementos lingüísticos, formando subcomunidades lingüísticas dentro da mesma comunidade totalmente considerada.

Mais adiante, Coseriu estabelece uma relação de dependência entre a sua noção de Norma e aquilo que ele chama de “*factores operantes en la comunidad*”:... *al distinguir la lingüística externa de la lingüística interna, Saussure elimina de esta todo lo que es extraño al sistema, o sea, también la determinación social; en efecto, la lingüística interna debe estudiar la lengua si[...] sólo sistema funcional, y no la norma, que depende de varios factores operantes en la comunidad considerada*” (5, p.58). A produção lingüística do falante e da subcomunidade lingüística a que ele pertence estaria condicionada por esses *factores operantes* e, portanto, variando-se estes, varia-se aquela. Às variações sociais dentro de uma mesma comunidade lingüística corresponderiam variações lingüísticas dentro da própria língua que caracteriza a comunidade (6, p.133).

Por outro lado, não obstante atingir objetivos semelhantes, Bernstein procura explicar a variação lingüística, condicionando o discurso do falante à sua condição social: “*Linguistic differences, other than dialect, occur in the normal social environment and status groups may be distinguished by their forms of speech. This difference is most marked where the gap between the socio-economic levels is great*” (2, p.61). Mais adiante, Bernstein atribui à diferenciação social entre a camada social inferior da classe operária e a superior e à valorização diferente que cada uma confere às potencialidades da língua, selecionando este ou aquele elemento lingüístico para uso, o condicionamento da variação lingüística: “*It is proposed that the two distinct forms of language-use arise because the organization of the two social strata is such that different emphases are placed on language potential*” (2, p.61).

Numa linha um pouco diversa dessa, Bright chama a atenção para o que ele define como “*variação sociolingüística*” (4, p.41). Essas variações, ou mais precisamente, essa diversidade lingüística é condicionada pelas diferenças sociais dos usuários e do contexto extralingüístico: “*Uma das maiores tarefas da sociolingüística é demonstrar que tal variação ou diversidade não é livre, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas*”. Às noções de *diversidade e condicionamento*, Bright acrescenta a de *dimensões*: “*Este termo se refere aos vários fatores socialmente definidos, com os quais supõe-se que a diversidade lingüística esteja relacionada. O número de tais fatores pode diferir de um caso, mas três deles parecem contar para a maior parte dos casos considerados: as dimensões do emissor, receptor e contexto*” (4, p.18).

Na mesma corrente, Ferguson, ao desenvolver sua noção de *diglossia*, afirma, logo de início, que: “*In many speech communities two or more varieties of the same*

*language are used by some speakers under different conditions*" (8, p.325). A relação de dependência da variação lingüística à variação social aparece também na sua teoria, ainda que, mais adiante, ele reconheça que somente duas dessas variações parecem manter alguma oposição entre si: "*For convenience of reference the superposed variety in diglossia will be called the H (high) variety or simple H, and the regional dialects will be called L (low) varieties or, collectively, simply, L*" (8, p.325). Assim, do ponto de vista de Ferguson, a língua desdobra-se em apenas duas variações socialmente opostas entre si, de maneira muito semelhante às variações propostas por Bernstein, ao definir *código restrito* e *código elaborado* (2, p.76-7).

Em todos os modelos descritos acima, ainda que de correntes e tendências diferenciadas, existe o sentimento comum de que a uma variação social corresponde uma variação lingüística, qualquer que seja a sociedade considerada. Embora nem todos estejam de acordo em como se dá essa variação, há concordância no fato de que existe uma comunidade e que há níveis de diferenças entre essas variações. Ferguson fala em dialetos sociais, chegando a propor, inclusive, a coexistência de línguas diferentes sendo usadas alternadamente pelo mesmo falante, na mesma comunidade (1, p.134-5); Bright não ultrapassa o limite da *diversidade lingüística*, procurando manter a unidade lingüística da comunidade sem, no entanto, considerá-la um sistema monolítico, mas sujeito a variações sistemáticas previsíveis; e Coseriu, embora reconheça existir essas variações, abstém-se de discutir sua extensão, permanecendo no campo teórico-abstrato da construção e justificação de seu modelo.

Com base nessa uniformidade de opiniões, reconhece-se a existência da covariação lingüística e social e conseqüente diferenciação da língua em códigos diversos. Havendo uma situação de comunicação (7, p.55), em que emissor e receptor pertençam a grupos sociais diferentes e, portanto, possuam códigos diferentes, devido à constante produção de ruído no canal da comunicação (11, p.8) provocada pela diferença entre os códigos, prevê-se um diálogo truncado entre eles, no qual, em diversos momentos, a comunicação deixará de efetivar-se para ter de ser restabelecida por meio de recursos diversos. Uma vez que emissor e receptor não estejam seguros de que o código usado seja comum ou que não exista intercompreensão entre eles, deve-se forçosamente reconhecer como falsa essa situação de comunicação, seja em todo diálogo, seja em parte dele, pelo duplo motivo de que a ausência de intercompreensão é uma característica possível para se definir os códigos em questão como diferentes entre si (ou mesmo como línguas diferentes) (6, p.133), porque, segundo Jakobson, é o código comum entre os interlocutores "que fundamenta e possibilita a efetiva troca de mensagem" (9, p.77-8).

Dada uma situação de comunicação conforme a que foi descrita acima, pode-se supor que as falhas na troca de informação estariam expressas no próprio diálogo e seriam detectáveis pelo pesquisador interessado, bem como o seu restabelecimento. Tomando essa hipótese como base, tem esse trabalho o objetivo de explicitar algu-

mas dessas falhas e esboçar uma caracterização quer seja da ausência de intercompreensão quer seja da tentativa de restabelecimento da comunicação.

Para isso, tomamos como *corpus* de análise uma amostra de entrevistas abertas obtidas na região central de Foz do Iguaçu - PR, com crianças entre 10 e 14 anos, em condições de subemprego, com baixa escolaridade. Consideramos entrevistador e entrevistado como emissores e receptores em situação de comunicação tal como foi descrito anteriormente, caracterizando-os como pertencentes a grupos sociais distintos, na medida em que, as crianças, todas cursavam no máximo, a quinta série do primeiro grau, eram originárias de várias cidade ou estados, residiam nas regiões periféricas da cidade, a maior parte em favelas, contando muitas vezes com pouco mais do que os parcos rendimentos de seu trabalho para seu próprio sustento e, às vezes, o de sua família; ao passo que o entrevistador era originário de São Paulo - SP, residindo no próprio local de nascimento, com nível superior, contando com recursos econômicos para seu sustento bem maiores do que o dos entrevistados. Assim, caracterizamos códigos distintos para cada um deles.

A seguir, fizemos um levantamento das falhas de comunicação que encontramos, chamando-as "teste", e de suas respectivas tentativas de restabelecimento da comunicação, chamando-as "respostas". Classificamos testes e respostas como pertencentes ao entrevistador ou aos informantes e as distribuímos em subcategorias, segundo os critérios:

a) para os testes, conforme a presença ou não de resposta subsequente. Justificamos esse critério pela sua aplicação prática, pois, tendo a sociolinguística norte-americana como base desse trabalho, objetivamos as variações da língua popular falada pela população, cujo domínio do código esteja restrito ao seu uso diário e coloquial, o que não se passa no caso dos entrevistadores;

b) para as respostas, conforme a sua relação com o enunciado que originou o teste: reprodução simples do enunciado ou por meio de sua reprodução mecânica, palavra por palavra, ou da sua confirmação monossilábica do teste em questão; ou explicação de outra ordem ou com outro vocabulário, complementação do enunciado, por meio do acréscimo de novos sentidos ou, finalmente, alteração completa do seu sentido original.

Por objetivarmos a produção linguística dos informantes, cujos motivos foram descritos acima, optamos somente pela análise dos testes do entrevistador e respostas dos informantes, mesmo porque os testes efetuados pelos informantes foram em número tão reduzido que não serviriam de base para caracterizações mais conclusivas.

## DESENVOLVIMENTO E CONCLUSÕES

Considerando-se que, numa situação de entrevista aberta, as interrogações devem prevalecer por parte do entrevistador, na medida em que a este cabe a função de

estimular a produção de fala do informante (3, p.129), supõe-se que, no diálogo que se trava entre eles, alternem-se as falas do entrevistador e do informante através de perguntas e respostas, respectivamente. No seguinte trecho de um diálogo, podem-se notar essas condições:

“E – Que mais vocês fazem?

I – Nós vêm lavá carro e, daqui da rua, nós vamo lá no Porto limpá peixe.

E – Limpar peixe? Você sabe limpar peixe?

I – Ah, eu sei.

E – Como é que limpa peixe?

I – Ah, eu formo a barriga dele, depois corto assim e corto a guerra, jogo a guerra fora e jogo a buchada.

I – Abre, tira.

E – Joga a buchada?”

Ao interpretar uma a uma as falas transcritas, nota-se:

1 – “Que mais vocês fazem?”

A fala tem um caráter interrogativo, atuando como estímulo à produção de fala do informante. Supõe-se que, a partir do instante em que o informante decodifique o enunciado do emissor, ele produza um enunciado-resposta, conforme a sua própria experiência devidamente codificada.

2 – “Nós vêm lava carro e, daqui da rua, nós vamo lá no Porto limpá peixe.”

Constata-se que a primeira interrogação obteve o efeito desejado: o informante detectou a informação que lhe era transmitida e produziu a fala que era esperada. Supõe-se que, apesar das diferenças sociais existentes entre elas, o código usado nesses momentos do diálogo era comum, dado esses aspectos da eficácia da comunicação (11, p.5-6).

3 – “Limpar peixe? Você sabe limpar peixe?”

A fala pode ser dividida em dois instantes diferentes: o primeiro, relativo à primeira interrogação “Limpar peixe?” e o segundo, relativo à segunda oração “Você sabe limpar peixe?”. Analisemo-los separadamente.

A primeira interrogação, segundo nossa concepção já descrita anteriormente, deve atuar como estímulo à produção verbal do informante. No entanto, por ser uma simples reprodução de um trecho da fala anterior do informante, pressupõe-se que esse estímulo atue como uma forma de *feedback* (12, p.160), no qual o emissor procura expressar um recebimento duvidoso: recebimento devido à repetição *ipsis literis* do enunciado (ou parte dele) e duvidoso devido ao seu caráter interrogativo, que sugere ao interlocutor uma confirmação qualquer sobre o conteúdo semântico do enunciado.

A segunda interrogação assemelha-se, por sua vez, à primeira fala do diálogo transcrito, atuando basicamente como estímulo à produção verbal do falante.

4 – “Ah, eu sei.”

O caráter afirmativo da resposta, apesar de concisa, indica novamente que o código usado entre eles era comum, sem oferecer maiores informações. Nota-se, porém, que a primeira interrogação da fala anterior não teve o efeito desejado.

5 – “Como é que limpa peixe?”

Novamente, a interrogação atua como estímulo à produção verbal do informante.

6 – “Ah, eu formo a barriga dele, depois corto assim e corto a guerra, jogo a guerra fora e jogo a buchada.”

A produção de fala do informante mostra novamente que a interrogação teve o efeito esperado, demonstrando, também, que o código usado ainda era comum entre eles.

7 – “Abre, tira.”

Trata-se de um simples complemento à resposta anterior.

8 – “Joga a buchada?”

A interrogação assume o mesmo aspecto de *feedback* encontrado na primeira parte da terceira fala, pressupondo também uma confirmação qualquer. Trata-se, da mesma maneira, de uma repetição *ipsis literis* do enunciado, ou de um trecho do enunciado anterior.

Segundo essa análise, cada uma das falas do entrevistador é constituída por uma ou mais interrogações, assumindo o papel de estímulo à produção verbal do informante. No entanto, duas delas possuem um aspecto de *feedback*, referindo-se à produção de fala anterior. As perguntas “Limpar peixe?” e “Joga a buchada?” têm um caráter especial por se referirem não a uma realidade circunstancial sobre a qual se deseja que o informante discorra, mas sobre o próprio enunciado, diferentemente do que ocorre com as demais perguntas deste trecho, em que se recorre à experiência anterior do informante para a produção de estímulos, como é o caso de “Você sabe limpar peixe?” ou “Como é que limpa peixe?”.

Nesses momentos do diálogo, em que há perguntas com esse caráter de *feedback*, pode-se supor que o código usado entre emissor e receptor deixa de ser comum, uma vez que o ruído causado por interferências ambientais pode ser descartado, dada a reprodução inequívoca do trecho em questão. O problema da comunicação parece, dessa maneira, estar na maior ou menor intersecção que há entre os códigos usados pelo emissor e pelo receptor. No entanto, a fim de se evitar maior ambigüidade com relação ao termo *feedback*, cujas acepções podem ser muito variadas (11, p.160 e ss.), chamaremos de “teste” às perguntas produzidas pelo entrevistador, quando ele se referir exclusivamente a um enunciado imediatamente anterior, produzido pelo informante.

Na medida em que, para uma pergunta, pode-se supor uma resposta subsequente, ainda que não necessariamente, pode-se supor que para um teste ocorra também uma

resposta. A produção de fala estimulada pelo teste assume um aspecto duplamente favorável que deve ser considerado: primeiro, ela aumenta quantitativamente a produção lingüística oral analisável do informante, enriquecendo, assim, o *corpus* em questão; segundo, ela representa a retomada da comunicação interrompida pela diferença entre os códigos, ao traduzir exatamente essa diferença em termos comuns a ambos; portanto, analisando-se essas respostas, chega-se à possibilidade de se formalizarem as variações lingüísticas decorrentes do condicionamento lingüístico à variação social.

Ao aplicar as noções de testes e respostas no *corpus* proposto, obtivemos as seguintes combinações

1. testes sem respostas;
2. testes com respostas;
  - 2.1. respostas sem alteração do enunciado anterior;
  - 2.2. respostas com alteração do enunciado anterior;
    - 2.2.1. alterações de caráter complementar;
    - 2.2.2. alterações de caráter explicativo.
    - 2.2.3. alteração completa do enunciado anterior.

#### TESTES SEM RESPOSTA

- “E – Vocês dois são irmãos?  
 I – Somos, nós três.  
 E – Ah, é? Vocês três? Vocês não engraxam?  
 I – Não, nós lava carro.  
 E – Ah, vocês lavam carro? Ah, é?”

Nota-se haver, nesse trecho transcrito, dois momentos nas falas do entrevistador nos quais a intenção é estimular a produção de fala do informante, a partir da referência à experiência pessoal dele.

“E – Vocês dois são irmãos?”

e

“E – (...) Vocês não engraxam?”

Para essas interrogações, poder-se-ia ter esperado respostas monossilábicas quaisquer, de tipo “sim” ou “não”; no entanto, o informante ultrapassou esse limite, procurando oferecer maiores informações ao entrevistador, além daquilo que seria o estritamente necessário.

Por outro lado, as demais interrogações do entrevistador:

“E – Ah, é? Vocês três?”

e

“E – Ah, vocês lavam carro? Ah, é?”

não possuem o mesmo caráter das interrogações analisadas acima. Desprovidas da mesma referência extralingüística, por aterem-se, de uma maneira geral, a uma função metalingüística, referindo-se não às experiências pessoais do informante, mas às suas produções de fala já realizadas, assumem o papel daquilo que já consideramos como *feedback*, ou mais precisamente, segundo nossa proposta, teste.

As interrogações de tipo “Ah, é?” parecem ter um caráter exclamativo, à semelhança de uma compreensão súbita provocada pela fala do informante no entrevistador. No entanto, ao se analisar um pouco mais detidamente a fala geradora nota-se não haver motivo para essa descoberta. O fato dos informantes terem declarado serem três irmãos ou, ao invés de engraxarem, lavarem carro não era nenhuma surpresa para o entrevistador, na medida em que, ao se fazer a seleção da amostra, levou-se em consideração a necessidade de se entrevistar lavadores de carro, bem como pesquisou-se, ainda que rapidamente, sobre a vida familiar de cada um dos entrevistados.

As demais interrogações nas quais há simplesmente a reprodução inicial do informante, podem ser descritas facilmente como *feedback* ou “teste”.

Como se nota, tanto no primeiro caso – as perguntas de tipo “Ah, é?” – quanto no segundo – as reproduções da resposta inicial –, as falas têm como característica básica atuar em um nível metalingüístico, questionando sobre o próprio enunciado, isto é, sobre o próprio código, e trazendo à tona uma diferença qualquer que eventualmente exista ou se acredita existir, entre o código do informante e o código do entrevistador.

No entanto, se a comunicação, nesse momento interrompida pela incerteza da intercompreensão, deve ser restabelecida, ela o é, ou pelo informante, confirmando que o código usado ainda é o mesmo, ou pelo entrevistador, ignorando simplesmente a dúvida suscitada naquele instante. No primeiro caso, tem-se a participação do informante, no segundo, não. No trecho transcrito da entrevista, esse último caso parece adequar-se melhor.

## TESTES COM RESPOSTAS

Comparem-se os seguintes trechos:

“E – (...) De que que vocês brincam?

I – Jogá bola, quase tudo.

E – Quase tudo?

I – É.”

e

“E – Onde você engraxa mais: aqui ou lá?

I – Aqui no Brasil eu engraxo mais.

E – Aqui no Brasil, mais?

I – Não, é que aqui tem muito... é... vem mais... e no Paraguai e na Argentina quase não vão mais. Vai brasileiro, só que, na Argentina, os paraguaio quase não vão . Eles vão mais para o Brasil.”

A partir da aplicação do conceito de teste nos trechos transcritos, verifica-se que, no primeiro, as interrogações: “Quase tudo?” e “Aqui no Brasil, mais?” adaptam-se a esse conceito. Ambas são reproduções da resposta inicial do informante e têm, por referirem-se a um enunciado e não à experiência do informante, uma função marcadamente metalingüística. Trata-se, como nos casos analisados anteriormente, de momentos do diálogo, nos quais a comunicação é interrompida pela incerteza da intercompreensão.

Conforme fora previsto, a esses momentos devem suceder-se momentos nos quais a comunicação se restabeleça, quer seja ignorando-se a dúvida, quer seja esclarecendo-a. Para os testes sem respostas, verificou-se que o entrevistador procurava contornar o problema da incerteza ignorando-a, ao dar continuidade ao diálogo; nesse caso, no entanto, parece que há uma resposta do informante para o teste do entrevistador.

No primeiro trecho transcrito, sucede ao teste a resposta “É”. Ainda que se trate de uma resposta monossilábica, simplesmente confirmativa, ela restabelece a comunicação, na medida em que demonstra intercompreensão entre emissor e receptor. Tendo-se desfeita a incerteza, isto é, confirmando-se a troca de mensagens, confirma-se estarem emissor e receptor usando o mesmo código, naquele trecho do diálogo.

No segundo trecho transcrito, sucede a resposta: “Não, é que aqui tem muito... é... vem mais... e no Paraguai e na Argentina, os paraguaios quase não vão. Eles vão mais para o Brasil”. A semelhança da resposta analisada no parágrafo anterior, a despeito da diferença de extensão entre uma e outra, essa resposta possui também a característica de dar continuidade ao diálogo, ao desfazer as incertezas que foram manifestadas pelo teste. Embora não confirme a mensagem da resposta inicial, como no caso anterior, ela restabelece a comunicação, procurando esclarecer o enunciado que gerou a incerteza: “Aqui no Brasil eu engraxo mais”.

Nos dois casos, malgrado algumas diferenças de conteúdo, as respostas têm como característica restabelecer a comunicação interrompida pela perda de contato entre os códigos do emissor e do receptor.

## **RESPOSTAS COM ALTERAÇÃO**

Nos casos analisados anteriormente, verificou-se que a alternância de teste e respostas no diálogo era o resultado de uma incerteza da intercompreensão entre emissor e receptor e objetivava atuar entre eles. Tinham, portanto, um caráter basicamente metalingüístico, por se referirem a enunciados e não a experiências do infor-

mante, objetivo aparente da entrevista. Com uma sucessão de teste com resposta ou teste sem resposta (a simples eliminação da dúvida pelo entrevistador), supõe-se o restabelecimento da comunicação pretendida entre emissor e receptor e, conseqüentemente, o redirecionamento do diálogo para o alvo a ser atingido pelo entrevistador: obter o máximo de informações possível das experiências do informante, a partir de suas produções de fala.

Considerando-se, no entanto, tratar-se de uma entrevista na qual a produção linguística é o objetivo por si só, e não uma estratégia para o conhecimento de sua experiência, a sucessão de teste e respostas aparece por um lado como obstáculo para atingir os objetivos pretendidos (a produção de fala pelo informante) e por outro como um sucesso, talvez inesperado, em direção aos objetivos propostos. Imaginando-se que, numa entrevista como essa, a produção de fala por parte do entrevistador mostra-se desnecessária por não contribuir para os resultados pretendidos e, sobretudo, desfavorável não só por acumular maior necessidade de horas para sua transcrição mas também por falsear as produções de fala do informante, na medida em que pode induzi-lo a uma produção não espontânea de enunciados.

Entretanto, deve-se considerar que, aos testes, podem suceder respostas, isto é, produções de fala do informante. Com isso, obter-se-á maior quantidade de enunciados a serem analisados e, supostamente, uma amostra mais expressiva da população em questão. Por conseguinte, deve-se considerar favoráveis aos objetivos pretendidos da entrevista tão somente os testes com respostas subseqüentes.

Conforme já foi considerado, as respostas podem ser meras reproduções da resposta inicial, ou monossilábicas, acrescentando pouco ou quase nada ao diálogo. Nesse caso, a própria resposta continuará atuando como obstáculo para se atingir os objetivos pretendidos. Por exemplo, uma resposta monossilábica falseará a contagem dos verbos utilizados no diálogo, aumentando inutilmente a frequência de verbos anódinos, como o verbo “ser”.

Deve-se, por isso, estabelecer uma diferença bastante nítida entre as respostas que não atuem monossilabicamente ou que não reproduzam simplesmente a pergunta inicial, mas que, de uma maneira geral, ampliem, alterem ou mesmo expliquem a pergunta inicial. Vejam-se os exemplos a seguir:

“I – (...) Eu estudo na escola ali, lá, na José de Alencar.

E – Ah, é? Você gosta?

I – Ah, gosto de estuda, né?

E – Gosta?

I – Tem que gostá.”

“E – (...) Que que você acha que devia mudar aqui, para ficar bom? Ou está bom do jeito que está?

I – Pra ficar bom, aqui, mesmo, precisava bem é o prefeito abaixá as coisa, né?

E – Abaixar o preço?

I – É, pra gente comprá. Mais fiscalização, também. Não deixa a gente vendê nos hotel, vem, briga com a gente, às vez leva a gente preso.”

“E – O que que vocês fazem na piscina, lá?

I – Toma banho, brinca, leva (?)... brinca de jacaré.

I – Brinca de batê na cabeça, assim, e contá até dez pra gente corrê, né, e mergulhá. Daí, o outro vai nadando, assim, mergulha e batê na cabeça da gente, daí, a gente é que é, daí a gente vai lá e pega ele.”

Nos três casos, pode-se notar, entre outros testes, os seguintes: “Gosta?”, “Abaixar o preço?” e “Jacaré?”. Todos eles tiveram respostas subseqüentes. No primeiro caso, a resposta atua sobre o enunciado original, alterando-lhe completamente o sentido: há o acréscimo de uma noção modal. À noção de “gostar” acrescenta-se um caráter de obrigatoriedade. Nesse caso, deixa-se entrever o reflexo da experiência do informante na sua produção de fala: ainda que tenha afirmado gostar de estudar, de fato ele não tem outra alternativa senão a de estudar, ele é obrigado a isso, não importando se ele gosta ou não.

No segundo caso, a resposta atua sobre o enunciado original, complementando-lhe o sentido. Para que as coisas fiquem realmente boas, o informante acredita que, além de abaixar o preço, deve-se aumentar a fiscalização, liberar pontos de venda, etc., ainda que o enunciado original tenha explicitado somente uma das alternativas possíveis para melhorar as condições da região.

No terceiro caso, a resposta atua explicativamente sobre o enunciado original, definindo-o explicitamente. Conforme a afirmação feita no enunciado original, dizer “brinca de jacaré” é a mesma coisa que dizer “brinca de batê na cabeça, assim...”, tornando a resposta uma explicação do termo questionado pelo entrevistador.

A partir das incertezas manifestadas pelo entrevistador, nos três casos analisados, acredita-se que a comunicação interrompida tenha se restabelecido com as respostas subseqüentes: “Nota-se que o efeito perturbador dos ruídos pode ser corrigido ou interrompido pelo *feedback* (...). O *feedback* pode adquirir várias formas: – repetição completa e sistemática das informações (...); verificação através de perguntas dos receptores...” (12, p.160 e ss.). O caráter metalingüístico dos testes e das respostas tem como função básica o restabelecimento da comunicação.

No entanto, nota-se que, além da metalinguagem, as respostas referem-se também a uma realidade extralingüística, pois tomam a experiência do informante como fonte para a produção de fala. Nos casos anteriores, as respostas referiam-se exclusivamente aos enunciados, quer seja a partir da reprodução destes, quer seja a partir da confirmação monossilábica do mesmo; agora, as respostas referem-se aos enunciados, mas encontram, na realidade circunstancial do informante, a explicação ou mesmo o próprio motivo para a negação dos enunciados referidos.

As respostas que alteram os enunciados originais devem, portanto, ser consideradas como um ponto a favor da estratégia usada pelo entrevistador para estimular a produção verbal do informante. A partir dessas respostas, obtêm-se novas produções lingüísticas, consolidadas na própria experiência do informante, isto é, não induzidas pelo entrevistador, e, sobretudo, acrescenta-se maior quantidade de informação no diálogo que serve de *corpus* à pesquisa realizada.

Além desses aspectos favoráveis, deve-se considerar também que os testes cuja resposta complementa, explica ou muda completamente o enunciado gerador é um sintoma básico da falta de intercompreensão consciente entre emissor e receptor. Os testes sem respostas representam somente o lado do emissor, as respostas monossilábicas não permitem precisar a diferença existente entre os códigos, uma vez que ela não é manifestada pelo informante. Será, portanto, a partir da análise das respostas cujo enunciado altere o enunciado original, que se poderá obter, do ponto de vista dos elementos envolvidos na situação de comunicação, emissor e receptor, os pontos em que seus códigos deixam-se de tocar.

Por exemplo, no trecho seguinte:

“E – (...) Você é o mais velho?

I – Mais novo.

E – Mais novo?

I – Dos piá.”

A resposta “Dos piá” complementa a resposta inicial “Mais novo” e estabelece que na noção de “mais novo”, masculino, não há generalização; por isso a necessidade da definição “mais novo... dos piá”, e não o mais novo de todos da família, conforme poderia ter imaginado o entrevistador.

Da mesma maneira:

“E – E na escola, você vai?

I – Na escola, só... só segunda-feira.

E – Segunda-feira vocês vão para a escola?

I – É que tá em folga ainda.”

A resposta “É que tá em folga ainda”, embora não complemente a “Na escola, só... só segunda-feira”, mas altere-a completamente, indica que a noção de “só segunda-feira” pode haver uma correspondência com não haver aula, ou estar em férias. Portanto, ainda que os enunciados pareçam completamente distintos, eles são correspondentes, possuindo um sentido comum de “por enquanto não há aula, por isso nós não vamos à escola, mas, quando houver, nós iremos”, coisa que parece ter passado despercebida para o entrevistador nesse momento da entrevista.

Um último exemplo:

“E – Que que você foi fazer lá?

I – Eu fui lá... tem dia que eu vô engraxá, lá, puxá mala.

E – Puxar mala? Que que é puxar mala?

I – É pegá a mala dos outro, pegá e a gente levá até lá em cima e a gente ganha dinheiro.”

O enunciado, ou o trecho do enunciado, “puxá mala”, é definido pelo informante como “pegar a mala dos outros, a gente levár até lá em cima e a gente ganhar dinheiro”, coisa que era até então desconhecida para o entrevistador.

Assim pode-se dizer que a não generalização no masculino e as noções de “só segunda-feira” e “puxar mala”, que suscitaram dúvidas pelo entrevistador quanto à sua compreensão efetiva, eram diferentes em ambos os códigos e que, portanto, não poderiam sustentar a comunicação quando fossem usadas. Justifica-se nesse caso a noção de códigos distintos e, principalmente, o uso das noções de teste e resposta, para detectar essa variação, tal como ela se dá no diálogo e pôde ser traduzida de um código para outro, segundo o ponto de vista dos elementos emissor e receptor, envolvidos no processo da comunicação.

---

FERREIRA NETTO, W. – Open interviews: a technique to check linguistic variation between interlocutors. *Alfa*, São Paulo, **34**: 129-142, 1990.

*ABSTRACT: In any conversation, if the emissor and receptor's intercomprehension be turn dubious, we can see an attempt for it's re-establishment with metalanguages, that will find a common term between them. It's possible verify the linguistic variations between the interlocutors by the analyses of these conversation moments, that is well detected by themselves. Therefore, the object of this paper is to characterize these moments of lost of the situation of communication and the attempts of it's re-establishment, with corpus gathered by the author in a field-work.*

*KEY-WORDS: Linguistic variation; communication; noise; conversation; sociolinguistics; feedback.*

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BELL, N. T. – *Sociolinguistics: goals, approaches and problems*. London, B. T. Batsford, 1978.
2. BERNSTEIN, B. – *Class, codes and control: I*. 2a. ed. London, Routledge & Kegan Paul, 1974.
3. BUYSSSENS, E. – *Semiologia e comunicação lingüística*. 3a. ed. trad. Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, s.d.
4. BRIGHT, W. – “As dimensões da sociolingüística” *In*: FONSECA, M. S. V. & NEVES, O. F. (org.). – *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

*Alfa*, São Paulo, **34**: 129-142, 1990.

5. COSERIU, E. – *Teoria del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3a. ed. Madrid, Gredos, 1978.
6. DUBOIS, J. *et alii*. – *Dicionário de lingüística*. trad. Frederico Pessoa de Barros *et alii*. São Paulo, Cultrix, 1978.
7. FEARING, A. – “A comunicação humana” *In*: COHN, G. (org.). – *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo, Nacional; EDUSP, 1971.
8. FERGUSON, Ch. – Diglossia. *Word*, 15(2), 1959.
9. JAKOBSON, R. – *Lingüística e comunicação*. trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, São Paulo, Cultrix, s.d.
10. MARTINET, A. – *Elementos de lingüística geral*. 8a. ed. trad. Jorge Morais-Barbosa. São Paulo, Martins Fontes, 1978.
11. SHANNON, C. E. & WEAVER, W. – *A teoria matemática da comunicação*. trad. Orlando Agueda. São Paulo, Difel, 1975.
12. VANOYE, F. – *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. trad. Clarisse Madureira Sabóia *et alii*. São Paulo, Martins Fontes, 1979.